

» CB.Poder | **DONIZETE TOKARSKI** | DIRETOR SUPERINTENDENTE DA UBRABIO

Representante do setor afirma que biocombustível é janela de oportunidade para o Brasil se destacar no cenário mundial

“Biodiesel é o pré-sal verde”

» VITÓRIA TORRES*

O Brasil tem se destacado globalmente no uso de biocombustíveis, impulsionado por suas características de produção, biodiversidade e domínio tecnológico. Com potencial para ser protagonista na produção tanto dos biocombustíveis existentes quanto de novas alternativas, o país oferece benefícios em termos de desenvolvimento sustentável, abrangendo as esferas econômica, social e ambiental, além de impactos positivos na saúde pública.

Esse é o panorama apresentado pelo diretor superintendente da União Brasileira do

Biodiesel e Bioquerosene (Ubrabio), Donizete Tokarski. Em entrevista aos jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Denise Rotherburg no programa CB.Poder — parceria entre o Correio Braziliense e a TV Brasília — desta quarta-feira, o executivo ressaltou o papel transformador dos combustíveis renováveis, como biodiesel, etanol, bioquerosene e diesel verde.

O especialista comentou, ainda, as perspectivas sobre o Projeto de Lei 4.516/23, que trata sobre o emprego dos biocombustíveis no país. A iniciativa, chamada de Combustível do Futuro, deve avançar na Câmara ainda neste semestre, segundo Donizete Tokarski. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

É possível o Brasil abandonar o diesel convencional e ficar apenas com o biodiesel?

O Brasil tem uma margem muito grande de crescimento dos biocombustíveis, em especial o biodiesel, pois o Brasil importa cerca de 30% do diesel que consome. O país é um grande produtor de petróleo, porém não faz o devido tratamento na questão da produção do refino do diesel. Nós entendemos que o biodiesel é que deve ocupar esse espaço. Em vez de importarmos diesel fóssil, podemos ampliar a produção de biodiesel no país, temos todas as condições de tecnologia, matéria-prima e indústrias instaladas. Inclusive, são mais de 60 indústrias no Brasil, com capacidade de ampliar essa produção. O caminho que almejamos é substituir a importação de diesel pela produção nacional de biocombustível.

O objetivo é aumentar o percentual de biodiesel nos combustíveis?

Exatamente. O que nós temos hoje é a mistura de 12% de biodiesel no diesel. Já foi definido pelo Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) para ampliar essa mistura. Então, a partir de março, todo o diesel nacional terá 14% de biodiesel.

Qual é o impacto dessa variação de 2%?

A redução de gás de efeito estufa diretamente, que é um assunto que nos preocupa por

conta das mudanças climáticas. O biodiesel, produzido aqui no Brasil, pode reduzir em até 90% as emissões quando comparamos com o diesel fóssil.

Há um questão de saúde sobre os combustíveis fósseis?

O combustível fóssil traz vários problemas para a saúde. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, nos combustíveis fósseis temos Hidrocarbonetos Policíclicos Aromáticos (HPA), substância cancerígena, isso é muito impactante. No diesel S10 há 11% e no diesel S500, chamado de diesel comum, é livre a participação de HPA. O biodiesel, por sua vez, reduz o material particulado e não tem enxofre. Há vários aspectos ligados à saúde pública. No Brasil, temos mais de 20 milhões de asmáticos. O que desejamos é que haja uma contabilidade social, econômica, ambiental e de saúde pública para a utilização dos combustíveis. A qualidade do biodiesel é indiscutível.

A soja é fundamental para o biodiesel. Que outras matérias-primas vêm sendo utilizadas?

Cada vez mais as pessoas estão usando menos óleo, principalmente, de soja. Às vezes, substituindo por outros materiais no cozimento ou por outros óleos. É isso que o biodiesel aproveita, o óleo que seria residual vai para a produção. Antigamente, o frigorífico jogava aquela quantidade de resíduo animal na beira de estradas, de rios e lixões. Esse resíduo, agora, é utilizado na produção de biodiesel, ele utiliza o óleo

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



A transição energética está caminhando no mundo mais rápido do que a gente pensa. E o Brasil tem todas as possibilidades de liderar esse processo. Os biocombustíveis são o caminho para que a gente possa agregar valor ao nosso produto, melhorar a qualidade do ar, gerar emprego e renda.

de fritura, aquele que as pessoas jogam no lixo. Isso tem valor na produção de biodiesel. Nós recolhemos mais de 99% das latas de alumínio, mas a gente recolhe menos que 5% do óleo residual. Por isso, preciso dizer para os donos e as donas de casa que recolham esse óleo residual. A partir desse processo, podemos cada vez mais transformar em energia.

Como avalia a gestão desse setor pelo governo atual?

Estamos avançando. O governo atual tem reconhecido os benefícios sociais e econômicos e ambientais à saúde pública. Nesse ponto, o governo passado teve dificuldade porque alinhava somente ao preço e não ao valor do produto. O valor está associado a esses diversos benefícios que o biodiesel proporciona. Em 2023, o Brasil passou de 10% para 12% de biodiesel, consequentemente, aumentou também a exportação de derivados, proteínas, carnes, entre outros. O governo atual tem dado essa notoriedade aos biocombustíveis.

Mas, no passado, o presidente Lula defendia o etanol. Depois veio o pré-sal e mudou tudo. Agora temos o carro elétrico, mas há dúvidas sobre a infraestrutura. Qual é a saída?

Os biocombustíveis são o pré-sal verde do Brasil. A gente não pode fugir disso. Hoje (ontem) mesmo, o diretor-executivo da Agência Internacional de Energia disse que a vez do Brasil é agora, nos biocombustíveis, na transição energética, em função do que está acontecendo no mundo. A transição energética está

caminhando no mundo, como disse ele, mais rápido do que a gente pensa. E o Brasil tem todas as possibilidades de liderar esse processo. Não vai existir uma ou outra tecnologia que vai dominar. Todas são importantes. Agora, para o Brasil, os biocombustíveis são o caminho para que a gente possa agregar valor ao nosso produto, diminuir a poluição, melhorar a qualidade do ar, gerar emprego e renda no interior do país.

O governo assinou hoje (ontem) o decreto do selo de biocombustível social, o que isso representa? Vai trazer benefícios para a população?

É o programa de maior transferência de renda do setor privado para a agricultura familiar. Cerca de R\$ 8 bilhões por ano foram destinados à aquisição de produtos da agricultura familiar. As indústrias de biodiesel têm a responsabilidade de adquirir ou de participar com os recursos em 10% dessas regiões esse ano; em 2025 será 15%; e no ano de 2026, em 20%. O decreto vem trazer flexibilização para que, além da matéria-prima na produção de biodiesel, outras matérias-primas possam ser adquiridas, e o produtor possa fomentar a agricultura familiar.

Como o tema está sendo tratado no Congresso?

Temos a frente parlamentar mista do biodiesel, liderada pelo deputado Alceu Moreira (MDB-RS), que é um profundo conhecedor de todas essas questões ligadas à agricultura brasileira e ao biocombustível. O projeto de lei Combustível do Futuro está na agenda verde do Congresso Nacional. Ele cria uma escala de progressividade para o biodiesel, com mais segurança jurídica e estabilidade para o setor. Estabelece, ainda, a política de diversos biocombustíveis, tratando da política de bioquerosene e da obrigatoriedade que as empresas aéreas vão ter de utilizar o bioquerosene; ele trata do diesel verde, que é um produto que pode ser substituído do diesel fóssil, a partir de matérias-primas vegetais e animais.

Estamos falando de uma janela de oportunidade para o Brasil?

Não só em termos internos, mas globais também. Nós temos que nos apropriar, esse é o momento do Brasil.

*Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

Acordo acelera transição energética

» RAFAELA GONÇALVES

O governo brasileiro e a Agência Internacional de Energia (AIE) firmaram um acordo de cooperação para acelerar a transição energética no mundo. O documento foi assinado pelo ministro de Minas e Energia Alexandre Silveira e pelo diretor-executivo da agência, Fatih Birol.

O tratado tem como fim acelerar e ampliar a matriz energética brasileira de forma limpa, diversificada e inclusiva, com investimentos em fontes renováveis de biocombustíveis. Com sede em Paris, o órgão internacional reúne 50 países, representando 80% do consumo mundial de energia, para cooperação em dados, sugestões de políticas públicas e tecnologia voltados para apoiar a segurança e a transição energética.

De acordo com a pasta, a colaboração acontecerá por meio do compartilhamento de base de dados e o desenvolvimento de estudos sobre o setor de energia, além de apoio no âmbito do G20 — fórum de cooperação econômica internacional — em meio à presidência brasileira do grupo.

Segundo Silveira, o Brasil pretende liderar as discussões sobre a sustentabilidade no mundo, representando os países do Sul Global. O ministro destacou a necessidade de participação

» Murilo Ferreira pode voltar à Vale

O ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, voltou a negar que o governo fará qualquer interferência no comando da Vale. Na semana passada, a sinalização de que o presidente Lula pretendia escalar o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega para a cúpula da empresa. Mas a ideia não prosperou. Nos bastidores, ganhou força o nome do ex-CEO da empresa, Murilo Ferreira. Ele esteve à frente da mineradora de 2011 a 2017. “Eu não o conheço (Murilo Ferreira), só ouvi falar de nome. A Vale segue um caminho natural da sua governança e natureza jurídica, que tem seus investidores nacionais e internacionais, que escolhem de forma interna seus dirigentes”, disse Silveira. (RG)

dos países do Sul Global, menos desenvolvidos, no debate. “Somente a monetização da indústria verde pelos países industrializados vai inserir os países em desenvolvimento na geração de mais emprego, renda e, assim, fazer acontecer essa transição

energética que nós todos defendemos”, frisou.

De acordo com o ministro, o principal pilar defendido é de que a transição energética aconteça de maneira justa e inclusiva. Ele afirmou que o governo brasileiro pretende usar o modelo do programa Luz Para Todos como referência para auxiliar outros países na inclusão energética. “Com a nossa experiência, podemos ajudar as demais nações, para além da questão da transição energética, a combaterem a pobreza energética, se espelhando no nosso Luz para Todos”, declarou.

Para o diretor-executivo da AIE, os próximos anos representam uma oportunidade única para o Brasil. “A razão pela qual estou visitando Brasília é muito simples: acredito que Brasília, que o Brasil em geral, está entrando em um período sem precedentes da história econômica e política nos próximos dois anos”, declarou Birol. Além do G20, ele citou a realização da COP30, a conferência internacional do Clima, em Belém no próximo ano.

Petróleo

Birol afirmou que o Brasil deve responder por 4% da produção mundial de petróleo em 2030, e manterá esse nível até 2040. Ele avaliou ainda a grande

Joédson Alves/Agência Brasil



Fatih Birol e Alexandre Silveira assinam acordo de cooperação: transição deve incluir Sul Global

dependência do mundo de petróleo e derivados. “O petróleo é algo estratégico. A demanda global deve chegar a um pico antes de 2030. Há dois motivos para acreditar nisso: a transição para uma energia limpa, particularmente no setor de transportes, e outras melhorias na eficiência energética”, disse.

“Em cenários climáticos mais fortes, o consumo [de derivados de petróleo] não chegará a zero, diminuirá significativamente, mas não mudará da noite para o dia.

Não devemos ter esse tipo de expectativa, de que não precisaremos de petróleo para nada, temos que ser realistas”, acrescentou o executivo da AIE.

Questionado sobre a contradição da agenda verde enquanto o país avança na exploração de petróleo, o ministro de Minas e Energia disse: “Nunca vi nenhuma incongruência entre nós sermos líderes das energias renováveis, com 88% de nossa matriz elétrica sendo limpa e, ao mesmo tempo,

nós ainda [temos investimentos em petróleo] por uma necessidade de combate à desigualdade.”

Ele acrescentou: “A própria palavra diz transição, transição não é mudança. Transição é um processo. Então o Brasil tem que se olhar e com muita parcimônia ajudar o mundo a valorar a transição energética para que a gente a acelere e ao mesmo tempo olhar para a sua gente para que ela não deprimira sua economia”, completou o chefe da pasta.